



PANDEMIA E O PERIGO DA NARRATIVA ÚNICA – PENSAMENTO FILOSÓFICO, TEORIA CULTURAL E LITERATURA-MUNDO EM CHIMAMANDA N. ADICHIE

CHIMAMANDA N. ADICHIE: PANDEMIC AND THE DANGER OF A SINGLE
NARRATIVE – PHILOSOPHICAL THOUGHT, CULTURAL THEORY AND WORLD-
LITERATURE

45

Ana Costa Lopes* | Anabela Sardo** | Susana Amante*** | Susana Relvas****

Resumo: Este estudo obedece a um referencial teórico que se inscreve nas novas perspetivas impulsionadas pelos Estudos Culturais, Pós-coloniais, Decoloniais, Globais, Transnacionais e Estudos de Área, que têm permitido a formação e ampliação de novos paradigmas e tendências nos Estudos Comparativos e, em particular, na Literatura-Mundo. A abordagem da obra *The Thing Around Your Neck* (2009), da escritora nigeriana Chimamanda N. Adichie, mais especificamente dos contos “The Thing Around Your Neck” e “A Private Experience”, faz-se em consonância com os textos teóricos de Boaventura Sousa Santos, *A Cruel Pedagogia do Vírus* (abril 2020), e de Slavoj Žižek, *Pandemic: Covid-19 Shakes the World* (maio 2020), procurando apurar as temáticas que perpassam a escrita de Adichie e como se cruzam com os problemas tratados pelos pensadores referenciados, preocupações que dominam, nas primeiras décadas do século XXI, a opinião pública, a política internacional e a comunidade académica. Dos diferentes tipos de pandemia que assolam a humanidade, destacamos o perigo da narrativa única: eurocêntrica, ocidental, entre outras, hoje postas em causa pelas teorias decoloniais que colocam o foco nas epistemologias do sul.

Palavras-chave: Chimamanda N. Adichie; Decolonialidade; Literatura-Mundo; Pandemia; Hibridismo Literário.

Abstract: This study relies upon a theoretical framework that is part of the new perspectives fostered by Cultural, Post-colonial, Decolonial, Global, Transnational and Area Studies, which have allowed for the creation and expansion of new paradigms and trends in Comparative Studies and, in particular, in World-Literature. The analysis of *The Thing Around Your Neck* (2009), by the Nigerian writer Chimamanda N. Adichie, more specifically of the short stories “The Thing Around Your Neck” and “A Private Experience”, is in line with the theoretical works of Boaventura Sousa Santos, *The Cruel Pedagogy of the Virus* (April 2020), and Slavoj Žižek’s, *Pandemic: Covid-19 Shakes the World* (May 2020), seeking to ascertain the themes that permeate Adichie’s writing and how they intersect with the problems dealt with by the aforementioned theorists. These are concerns that have been drawing the attention of the public, of international politics and of the academic community since the first decades of the 21st century. Among the different types of pandemic that have pended upon humanity, we highlight the danger of the single narrative, mainly Eurocentric and Westernized, among other spaces, which are called into question by decolonial theories, placing the focus on southern epistemologies.

Keywords: Chimamanda N. Adichie; Decoloniality; World-Literature; Pandemic; Literary hybridism.

* Professora Coordenadora, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Viseu, anacostalopes@esev.ipv.pt

** Professora Adjunta, Escola Superior de Turismo e Hotelaria, Instituto Politécnico da Guarda, asardo@ipg.pt

*** Professora Adjunta Convidada, Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Instituto Politécnico de Viseu, susanamante@estgv.ipv.pt

**** Professora Adjunta Convidada, Escola Superior de Educação, Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Instituto Politécnico de Viseu, srelvas@esev.ipv.pt

INTRODUÇÃO

A literatura nigeriana tem vivido uma expansão significativa, a partir da consagração de autores como Chinua Achebe. Considerado o pai da literatura da Nigéria, criador de uma das obras fundamentais da literatura africana, *Things Fall Apart* (1958), com cerca de 20 milhões de cópias vendidas, e traduzida para mais de 50 línguas, vencedor, em 2007, do *Man Booker International Prize*, a obra de Achebe mostrou aos nigerianos que era possível fazer sucesso com a literatura.

A jovem escritora Chimamanda N. Adichie é exemplo desta emergência de novos escritores, contadores de histórias sobre o universo africano e a diáspora nigeriana, que se têm vindo a afirmar no mundo anglo-saxónico, sobretudo nos Estados Unidos.

Com o objetivo de analisar alguns contos do livro *The Thing Around Your Neck* (2009), este estudo obedece a um referencial teórico que se inscreve nas perspetivas impulsionadas pelos Estudos Culturais, Pós-coloniais, Decoloniais, Globais, Transnacionais e Estudos de Área, que têm permitido a formação e ampliação de novos paradigmas e tendências nos Estudos Comparativos e, em particular, na Literatura-Mundo.

A expansão das Literaturas-Mundo prende-se com a mudança epistemológica na Teoria Literária, reflexo das mudanças políticas, económicas e sociais operadas no século XX. O ocaso dos Impérios e a redefinição de fronteiras e nacionalidades, a globalização da economia e as novas vagas de migrações impulsionaram os estudos decoloniais, conjunto heterogéneo de contribuições teóricas e investigativas sobre a colonialidade (QUINTERO *et al.*, 2019, p. 4), procurando reescrever a história para um melhor entendimento do mundo. Recuando à década de 80, constatamos que é nesta altura que o movimento pós-colonial se começa a afirmar, com origem nas universidades anglo-saxónicas no seio dos estudos literários e culturais, apostado em analisar com profundidade o processo de libertação, independência e emancipação dos povos do denominado “terceiro mundo”, sujeitos a sistemas colonialistas e imperialistas. Este movimento conta com o intelectual e ativista

palestiniano Edward Said, como seu fundador, e com figuras de renome internacional como Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Paul Gilroy ou Stuart Hall.

Na década de 90, os estudos pós-coloniais irão contribuir para a reformulação e mudança epistemológica dos estudos literários, alargando-se a novos campos de estudo, como os estudos globais, estudos de gênero, feminismo, diásporas, migrações e exílios, multiculturalismo, hibridismo cultural, nacionalismos e questões identitárias. Segundo Hall, a criação dos estudos culturais no seio das universidades inglesas prende-se com a necessidade de dar voz às minorias. Citando o teorizador, importa promover “ways of thinking, strategies for survival, and resources for resistance to all those who are now - in economic, political, and cultural terms - excluded from anything that could be called access to the national culture of the national community” (HALL, 1990b, p. 22).

Por sua vez, o movimento decolonial, constituído por académicos das mais diversas áreas, como Walter D Mignolo, Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Boaventura Sousa Santos e Ramón Grosfoguel, afasta-se da teoria pós-colonial, de cunho pós-estruturalista, na esteira de Foucault, Lacan e Derrida, por considerar que o discurso pós-colonial se circunscreve à teorização académica (MIGNOLO, 2007, p. 452). A decolonialidade vai, deste modo, além dos limites do espaço académico, partindo de outras referências como Gandhi, Amílcar Cabral, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Rigoberta Menchú ou Glória Anzaldúa, que preconizam mudanças políticas e epistemológicas radicais (MIGNOLO, 2007, p. 452). Mignolo define dois objetivos complementares da teoria decolonial. Por um lado, este movimento visa reconstruir conhecimentos e histórias, culturas e línguas subalternizadas e silenciadas, subjetividades reprimidas, obliteradas em nome da modernidade e racionalidade ocidentais, como as retratadas nas narrativas de Chimamanda Ngozi Adichie, aqui em apreço, ou em obras literárias levadas recentemente à Sétima Arte, como o filme biográfico *Harriet* (2019), de Kasi Lemmons, e o autobiográfico *Farming* (2019) de Adewale Akinnuoye-Agbaje. Por outro lado, o projeto decolonial visa um desprendimento, um *de-linking* do universo pós-colonial e da colonialidade, com vista à pluralidade universal dos discursos locais e subalternos, a que Mignolo chama “pluriversalidade” (MIGNOLO, 2007), que conduzirá a uma nova era na história mundial, e que Dussel apelida “transmodernidade” (2012), conceitos filosóficos associados à noção/ideia de liberdade, de onde poderá surgir um diálogo cultural autêntico.

O discurso decolonial contradiz, por isso, a narrativa única, europeia e ocidental e a sua estrutura de poder ou colonialidade. Como refere Quijano:

“First of all, epistemological decolonization, as decoloniality, is needed to clear the way for new intercultural communication, for an interchange of experiences and meanings, as the basis of another rationality which may legitimately pretend to some universality.” (QUIJANO, 2007, p. 177)

Na linha de Sousa Santos, Quijano refere-se à colonialidade do poder, que afeta os povos do Sul nas esferas política e económica, e que Mignolo reformula, referindo-se à colonialidade do saber, atendendo a que o controlo do conhecimento pelos países ricos coloca os países pobres em situação de desigualdade e desfavorecimento (2007, p. 451). A luta pelo epistémico decolonial reside na desvinculação da crença mais fundamental da modernidade. A esse respeito, Sousa Santos defende uma “viragem epistemológica, cultural e ideológica” (2020, p. 32) que, em tempo de pandemia, se torna vital e que tem sido pedra basilar do seu discurso nas últimas décadas.

Retomando o conceito goethiano de *Weltliteratur* (literatura universal), para legitimar literaturas que até ao momento estavam excluídas do cânone europeu e ocidental, a Literatura-Mundo reconhece as literaturas provenientes de nações emergentes e de regiões periféricas, que só nas últimas décadas veem as suas culturas reconhecidas. Aos já clássicos tópicos da Literatura Comparada, como o estudo da imagem, receção e representação do outro, vem aliar-se o conceito de Literatura-Mundo Comparada: “... sendo intrinsecamente *comparada*, [tem] de manter e tornar visível tanto a intimidade quanto a resistência entre os textos, os sistemas literários abordados por ela, e as leituras que eles produzem...” (BUESCO, 2017, p. 90). A abordagem comparativa é, portanto, essencial, no estudo intersistémico dos textos, capazes, por sua vez, de suscitar um sentimento de *estranhamento* ou *deslocamento* (BUESCO, 2017, pp. 91-92) ao perscrutar a alteridade entre culturas.

Para além destes elementos intrínsecos aos estudos comparados, o que faz uma obra integrar a Literatura-Mundo é, segundo Damrosch (2003), por um lado, a sua qualidade literária e, por outro, o mercado editorial, em todas as suas vertentes de divulgação: editoras, bibliotecas, livrarias, Internet e tradução, que permitem a sua disseminação à escala global. Num mundo cada vez mais globalizado e transnacional, a interconetividade entre culturas torna-se fulcral, na medida em que os temas locais ganham visibilidade e importância

universal, no âmbito dos estudos culturais, fruto do pensamento relacional, “relational thinking”, como é designado por Stuart Hall, numa junção entre o global e o local, que reciprocamente se reorganizam e reformulam.¹ Este pensamento assenta, tanto na diferença (ruras e descontinuidades), como na partilha e pluralidade, através do método de articulação. Para o autor jamaicano, cultura é experiência vivida, experiência interpretada e experiência definida, determinada por um tempo histórico e espaço definidos: “Culture is the formation of a ‘whole way of life’: thus, cultural analysis is inevitably occupied with identifying patterns, in order to ‘discover shared ideas and forms of communication’” (HALL, 2016, p. 34). Por outro lado, as práticas de representação culturais implicam sempre uma posição de enunciação, “positions of *enunciation*” (HALL, 1990a, p. 222), a partir da qual expressamos a nossa identidade e visão do mundo. Essa identidade apresenta-se não como algo já definido, mas em processo de construção no âmbito da representação.

O continente africano é, segundo Hall, a grande aporia, que reside no cerne da identidade cultural e dá sentido à existência de povos que dela descendem: “The great aporia, which lies at the centre of our cultural identity and gives it a meaning, which until recently, it lacked” (HALL, 1990a, p. 224). Deste contexto, emergem as narrativas de resistência, que relatam experiências de deslocação, como é o caso da prosa de Adichie que, no enalço de Chinua Achebe e Camara Laye, se consciencializou sobre o problema africano e passou a contribuir com a sua escrita para a Literatura-Mundo, a que emerge das diferentes periferias, e que expressa a sua visão do mundo (SYLVESTRE, 2018).

A voz feminina assume papel primordial nessas narrativas de resgate. Segundo Sylvestre (2018, p. 83), citando Bonnici (1998), a mulher foi “duplamente colonizada”, vítima da colonização e vítima da colonialidade do sistema machista e capitalista ainda vigente. Sousa Santos converge nesta perspetiva ao não esquecer, no seu recente livro dedicado à pandemia, *A Cruel Pedagogia do Vírus*, os mais “vulneráveis”, os que se sentem invisíveis, sem voz. Desde logo, as mulheres, os deficientes, os trabalhadores de rua e os sem-abrigo (SANTOS, 2020, p. 20).

O movimento decolonial, ao dar voz ao subalterno (SPIVAK, 1988; BHABHA, 1994), abriu novas perspetivas para a literatura de género. Da escrita feminina brota toda uma visão

¹Stuart Hall identifica os modos de interconetividade, assentes em duas variáveis: espaço e cultura, e que atendem a cinco conceitos chave: centro/periferia, resistente/dominante, textualidade/pontuação, o outro/o próprio, o local/o global (2016).

particular do mundo, dotada de sensibilidade, bem como dela emerge um discurso feminista, que aborda os problemas sociais de um modo particularmente crítico, refletindo sobre o papel da mulher na sociedade.

Como refere Carolina Fabiano de Carvalho, a “força do realismo de Adichie resulta no que Nicholas Mirzoeff designa por ‘o realismo da contravisualidade’: aquele que procura subverter permanentemente as condições de existência” (MIRZOEFF, 2016, p. 750, apud CARVALHO, 2018, p. 1445). A contravisualidade “é o meio pelo qual se tenta dar sentido à irrealidade criada pela autoridade da visualidade [no caso, a colônia] enquanto, ao mesmo tempo, propõe uma alternativa real. Não se trata de modo algum de uma representação simples ou mimética da experiência vivida, mas de retratar realidades existentes e as contrapor com um realismo diferente” (MIRZOEFF, 2016, pp. 756-7, apud CARVALHO, 2018, p.1451).

Para Adichie, a ficção africana e as histórias de africanos são fonte de conhecimento verdadeiro em oposição aos factos impostos pela narrativa única. Na palestra realizada na Fundação Commonwealth, intitulada “To Instruct And Delight: A Case For Realist Literature” (2012), Adichie refere-se à literatura como fonte de prazer e conhecimento, mas também de empatia, de cultura, de sensibilidade, nos seus aspetos político, formal e educativo. Por essa razão, a percepção da escritora nigeriana sobre Literatura só pode ser pensada ideologicamente como poderosa ferramenta política, uma literatura *engagée*, bem evidenciada no conto “Jumping Monkey Hill”. Trata-se, pois de uma literatura ativa, capaz de movimentar as políticas locais, uma literatura que mostre a verdadeira África.

Estamos perante obras que se enquadram, também, no chamado hibridismo literário, porquanto se cruzam, nos textos de Adichie, diferentes temáticas: questões culturais, sociais e políticas na linha do romance/conto tese.

Numa linha de entendimento convergente, em *A Cruel Pedagogia do Vírus*, Boaventura Sousa Santos toma o conceito de pandemia como alegoria (SANTOS, 2020, p. 10). Entendida como uma das manifestações do modelo de sociedade catastrófico em que vivemos (SANTOS, 2020, p. 23), a pandemia COVID19 torna latentes os desequilíbrios da sociedade pós-moderna, prevalecendo o “darwinismo social”, (SANTOS, 2020, p. 27), ou seja, a “sobrevivência do mais forte”, como refere Žižek (2020a), correndo-se o risco de a barbárie se sobrepor à civilização (*Ibidem*). Assim, a sociedade contemporânea parece viver um sistema invertido, ao contrário do sistema colonial que impôs um modelo de civilização

ocidental - cultura, religião, fronteiras artificiais, sistema político - sobre os “bárbaros” povos do sul. A ameaça da barbárie é hoje retomada pelos pensadores em análise, Slavoj Žižek e Boaventura Sousa Santos.

De entre as diversas formas de pandemia, destaca-se a da chamada ‘narrativa única’, criada pelo poder político e/ou pelos media, e que conduz a estereótipos que tendem somente a criar uma imagem parcial e negativa, impedindo-nos de entender a complexidade do mundo na sua totalidade. Esta narrativa impôs-se e perpetuou-se como verdade absoluta, conforme alerta Adichie: “The single story creates stereotypes, and the problem with stereotypes is not that they are untrue, but that they are incomplete. They make one story become the only story” (2009b) e que se traduz, na generalidade, em formas de discriminação e exclusão, como refere a autora:

“I've always felt that it is impossible to engage properly with a place or a person without engaging with all of the stories of that place and that person. The consequence of the single story is this: It robs people of dignity. It makes our recognition of our equal humanity difficult. It emphasizes how we are different rather than how we are similar” (*Ibidem*).

Segundo Sousa Santos (2020), o colonialismo deu lugar ao “neocolonialismo, imperialismo, dependência, racismo, etc.” (p. 12), cabendo aos intelectuais um papel ativo do ponto de vista crítico na identificação dos problemas, que afetam o ser humano, e na apresentação de soluções para os mesmos. Em muitos casos, é dever do intelectual reconsiderar posições. Sousa Santos afirma que Žižek reconsiderou a sua tese de “comunismo global” (2020, p. 14), entendida pelo pensador esloveno como reforma social a empreender. Contudo, cremos que Žižek mantém as suas posições, continuando a contrapor a este modelo civilizacional, em que vivemos, um comunismo humanista, solidário e de interajuda (ŽIŽEK, 2020b), como parte da luta ecológica que deve ser travada por forma a operar mudanças sociais profundas que alterem radicalmente as coordenadas existentes da ordem mundial. Neste ponto, os dois pensadores são convergentes.

CRONOTOPO E HISTÓRIA NA NARRATIVA DE CHIMAMANDA N. ADICHIE

Inerentes aos estudos decoloniais, à teoria das Literaturas-Mundo e aos estudos da memória, os conceitos de espaço, tempo e história são mobilizados na literatura de Adichie: o espaço como agente da narrativa (América-Nigéria), que traduz as tensões entre centro e

margens. O tempo, por sua vez, traduzido nos diferentes períodos históricos que estão latentes na escrita de Adichie: a época de domínio colonial inglês na Nigéria; o período pós-colonial, marcado quer pela guerra civil (Biafra) e a ditadura militar; quer pelo resgate do povo e da sua cultura pela afirmação da Africanidade.

A voz ativa da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, contra a subalternidade, interna e externa, a que o povo nigeriano tem estado sujeito, ultrapassou fronteiras e tem vindo a afirmar-se, sobretudo na segunda década do século XXI, não apenas na ficção, mas similarmente através de uma cidadania ativa. A sua voz tem contrariado a narrativa única, eurocêntrica e ocidental, que tem prevalecido sobre os povos africanos, procurando dar a conhecer o africanismo e, em especial, a cultura nigeriana.

A sua escrita emerge como um grito de denúncia do que Boaventura Sousa Santos aponta como a “vulnerabilidade dos povos do sul” (2020, p. 15). De acordo com o sociólogo português, o sul é um “espaço-tempo político, social e cultural”, “metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual” (*Ibidem*, p. 15). Esta vulnerabilidade coloca os povos do sul em “permanente quarentena” (2020, p. 20), segregados em “zonas de invisibilidade” (*Ibidem*, p. 9), habitando “a cidade sem direito à cidade” (*Ibidem*, p. 18), como veremos nas narrativas de Adichie.

A pandemia do vírus (COVID19), consequência da globalização, vem associar-se a outras pandemias que têm afligido o Sul Global (Global South), como as guerras e as alterações climáticas, que conduzem a diásporas, afetando os povos com similares consequências: o isolamento, a morte, as migrações e os exílios. Todavia, segundo a visão otimista de Žižek, a distância e/ou distanciamento que se impõe aos povos, quer devido à Pandemia, quer como consequência do deslocamento de pessoas, deverá fortalecer os laços entre os indivíduos, sob pena de se cair numa nova barbárie (ŽIŽEK, 2020b, p. 3): “So there is a hope that corporeal distancing will even strengthen the intensity of our link with others. It is only now, when I have to avoid many of those who are close to me, that I fully experience their presence, their importance to me” (*Ibidem*, p. 2).

A aproximação, que conecta mundos, o local e o global, o centro e a periferia, é de igual modo experienciada pela escritora Adichie, quando se move entre a Nigéria e os Estados Unidos. Só a distância da sua terra natal permitiu uma consciencialização, quer das desigualdades sociais, que testemunha nos Estados Unidos (pobreza, racismo), tema

amplamente tratado no romance *Americannah* (2013), quer da sua própria identidade, como pessoa negra, e do seu lugar no mundo, o que a levou a aprender a “ser politicamente negra na América” (ADICHIE, apud JUOMPOAN-YAKAM, 2020). Essa aprendizagem permitiu-lhe refletir sobre o que é ser africano, a importância que a cultura Igbo representa para si própria, do que é ser migrante africana no mundo ocidental, levando ao aprofundamento das raízes nigerianas e ao resgate da sua cultura. Nesse sentido, Adichie recupera os ideais do Pan-Africanismo, movimento político e cultural surgido no século XIX, nos Estados Unidos. Este movimento, que contou com mentores como Du Bois, Marcus Garvey ou Langston Hughes e influenciou autores da negritude como Leopold Senghor e Aimé Césaire, visa unificar os povos africanos em torno de objetivos comuns. Contudo, para Adichie, a efetivação deste projeto é, neste momento, uma utopia, na medida em que falta ainda, aos povos africanos, o diálogo e a atenção para os problemas internos do próprio continente africano (ADICHIE, apud JUOMPOAN-YAKAM, 2020).

Tendo como língua oficial o Inglês, a República Federal da Nigéria é hoje um estado multinacional, constituído por mais de 250 grupos étnicos falantes de mais de 500 línguas. Confinados a uma organização geográfica forçada pela administração inglesa, que não atendeu às fronteiras étnicas, razão dos conflitos posteriores (SANDHU, 2018, p. 159), o país organiza-se em 36 estados federados que se acomodaram, contudo, de acordo com o credo religioso: Cristãos a sul e Muçulmanos a norte. Persistem, todavia, cultos autóctones praticados pelas etnias Igbo (da qual a autora descende) e Yoruba.

Particularmente sensível aos desastres que têm assolado África, sobretudo à pandemia da política colonial, ainda hoje vigente, a autora aponta o dedo à Inglaterra e à França, enquanto ex-colonizadores, com uma longa história de apoio à ditadura na África francófona e anglófona:

“But you have to remember colonialism was a dictatorship – there was nothing to learn from. Nigeria is an example, of course – I don’t think we’ve had fundamentally good leadership since we became independent. But you see my problem is: why are Cameroonian citizens accepting this? There is something we lack in this part of Africa, which is that spirit of rising up and saying no” (ADICHIE, apud JUOMPOAN-YAKAM, 2020).

Porém, o sistema colonial não foi banido do continente africano, que vive, ainda, as consequências desse regime, por exemplo, na manutenção das fronteiras aleatórias, de

acordo com os interesses económicos dos países colonizadores, à revelia das idiosincrasias culturais dos povos africanos. África precisa, no entender da escritora, de estabilidade política para depois lidar com o legado do colonialismo, podendo, então, insurgir-se contra aquilo a que Boaventura Sousa Santos apelida de “3 unicórnios”: o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado (2020, p. 12).

Há, portanto, toda uma narrativa que ainda não foi escrita, porque tem sido esquecida e deliberadamente negada. Adichie pertence a esse grupo de intelectuais ativos que querem escrever essa diegese, porta-vozes dos que não têm voz. A ativista nigeriana faz parte do grupo de pensadores que assume a literatura como “plataforma” para expressar todos os grandes temas: feminismo, identidade, colonialismo (ADICHIE, apud JUOMPOAN-YAKAM, 2020).

Podemos então afirmar que as obras de Adichie, ao centrar-se nos diferentes espaços, físicos e psicológicos, onde se movem as personagens, compõem uma cartografia da diáspora nigeriana.

THE THING AROUND YOUR NECK: CONTOS EM ANÁLISE

O livro de contos *The Thing Around Your Neck*, publicado em 2009, compreende doze histórias onde desfilam personagens de diversas idades, sexos e estatutos sociais e cobre uma variedade temática que se prende com os reais problemas do povo nigeriano.

Os contos situam-se num tempo histórico preciso, durante o regime militar do General Sani Abacha (1993-1998), afetado pelas sequelas do colonialismo britânico, que termina em 1960, e pela guerra civil entre 1967-1970, que ficaria conhecida como a Guerra do Biafra, tema amplamente cinzelado por Adichie no romance *Half of a Yellow Sun* (2006).

1. “THE THING AROUND YOUR NECK”

No conto “The Thing Around Your Neck”, que dá nome ao livro, prevalecem os temas da diáspora, do hibridismo cultural, da subalternidade e da identidade africana. Todavia, é também uma reflexão sobre a atitude perante a vida, de questionamento e insurgência. Há claramente uma transposição da experiência de vida da autora para a personagem da história, que vive entre dois espaços geográficos: a Nigéria e os Estados Unidos.

Neste conto, emerge uma dupla narrativa, “the double narrative”, contrariando a ideia monolítica de uma história única do imigrante, “single immigrant story”, que Adichie refere

na sua *Ted Talk* "The Danger of a Single Story" (2009b). Ao contemplar as diferentes narrativas da história, Adichie reflete não só sobre a múltipla identidade do imigrante, dividido entre a cultura de origem e a cultura de chegada, mas também dá a conhecer a perspectiva do outro, do país de acolhimento. Se, por um lado, as dificuldades económicas e sociais, que se vivem na Nigéria, intensificam a busca pelo sonho americano, por outro, persistirá a afirmação do africanismo frente ao problema de aculturação.

O discurso narrativo, realizado na segunda pessoa, coloca a voz da narradora a relatar à personagem, em tom de confidência, todos os acontecimentos que vão sucedendo: "You thought everybody in America had a car and a gun; your uncles and aunts and cousins thought so, too." (2009a, p. 115). A diegese começa por contrapor o sonho americano às dificuldades económicas vividas pela personagem principal, a jovem Akunna, na Nigéria. O quarto, de estrutura decadente, onde se acomoda toda a família, contrasta com a imagem de abundância difundida sobre a América: "in a month, you will have a big car. Soon, a big house" (*Ibidem*, p. 115).

Após ganhar a Lotaria Visa, que lhe permite uma passagem para a América, a jovem Akunna vai para os Estados Unidos, onde fica hospedada em casa de um tio, que lhe arranja trabalho e a inscreve numa escola. Na convivência com os seus familiares, Akunna sentir-se-á, ainda que por breves momentos, em casa. Nesse espaço familiar, mantêm-se costumes e tradições, comunica-se na língua de origem (Igbo) e partilha-se a gastronomia tradicional. No entanto, o modo como deve comportar-se e enfrentar a vida, no país que a acolhe, é-lhe apontado pelo tio, que a aconselha não só a adaptar-se rapidamente a determinados costumes americanos (materialismo, consumismo e banalização do corpo, como moeda de troca), mas também a sujeitar-se à condição subalterna, por forma a assegurar emprego imediato: "The trick was to understand America, to know that America was give-and-take. You gave up a lot, but you gained a lot, too" (*Ibidem*, p. 116).

Akunna cedo se apercebe que, na sociedade americana, reina a dissimulação, um misto de condescendência e racismo, que é transversal e se infiltrou na própria comunidade imigrante. Exemplo desse fingimento acaba por ser o próprio tio e a empresa onde trabalha, que faz dele o porta-estandarte da diversidade étnica "desperately trying to look diverse" (*Ibidem*, p. 116). Akunna acusa o namorado branco, cidadão americano, de ser hipócrita, "self-righteous" (*Ibidem*, p. 125), pois, apesar de culto, viajado e conhecedor de África, revela, na opinião da

nigeriana, uma inconsciente superioridade para com ela e parece não compreender o racismo velado a que é sujeita na sua presença.

Todavia, Akunna aprende, com o namorado, - que pertence a um terceiro espaço, de intermediação entre dois mundos -, que deve tomar o seu próprio rumo, pois há escolhas que podem ser feitas: "you didn't know that people could simply choose not to go to school, that people could dictate to life. You were used to accepting what life gave, writing down what life dictated" (*Ibidem*, p. 121). Afinal Akunna experimentara já essa resistência à resignação, subserviência e ao *status quo*, quando escapa ao tio e, mais tarde, quando se afasta do namorado e decide seguir o seu próprio caminho.

O processo de "reterritorialização" (DELEUZE & GUATTARI, 1992) vivido por Akunna, rapidamente a faz transitar da euforia para a disforia e da utopia para a distopia, que se prende com a imagem e representação do outro, que é reciprocamente errônea. Essa multiculturalidade contempla uma imagem do outro, do africano em relação ao americano e vice-versa, que não corresponde à realidade, tornando-se evidente o choque resultante desse hibridismo cultural que acentua o confronto centro-margens. A personagem é confrontada com perguntas incômodas e ridículas "a mixture of ignorance and arrogance" (ADICHIE, 2009a, p. 116) sobre a forma como vivia em África ou como teria aprendido tão bem a falar inglês. Rapidamente, esta territorialidade utópica (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 39), que representa o sonho americano, se converte em distopia.

O desconforto vivido no novo país, devido à ameaça de violação por parte do tio que a tinha acolhido, a fuga para outra cidade, onde se iria confrontar com incômodos clichés associados à sua cultura, a exploração laboral, a frustração de não poder estudar e o remorso sentido por se afastar da sua cultura de origem, provocam em Akunna um sentimento de fracasso e angústia, que lhe aperta o pescoço, metaforizados no título do livro. Uma vez na América, Akunna cedo se apercebe da sua vulnerabilidade, enquanto mulher e trabalhadora precária, que terá de viver um "confinamento social" que não lhe permitirá estudar e ter a vida com que sonhou.

Este sentimento de não-pertença coloca a personagem no limbo da invisibilidade: "Nobody knew where you were, because you told no one. Sometimes you felt invisible and tried to walk through your room wall into the hallway, and when you bumped into the wall, it left bruises on your arms" (ADICHIE, 2009a, p. 119). O dilema vivido entre a fidelidade à sua própria cultura e o modo de vida Americano, onde prevalece a discriminação, muitas vezes

velada, a futilidade e a falsa ideia de felicidade, tem o seu *terminus* com o retorno ao país natal para recuperar o sentido de pertença e de comunidade junto dos seus (SANDHU, 2018, p.170).

2. "A PRIVATE EXPERIENCE"

Também o terceiro conto do livro, intitulado "A Private Experience", nos dá conta do racismo, das desigualdades sociais, da intolerância religiosa e do colonialismo, que podem ser vistos como doenças epidêmicas, combatidas por meio de um antídoto ou uma vacina que é a literatura. Na verdade, a literatura torna-se o lugar que nos deixa ver "... as zonas de invisibilidade [que] poderão multiplicar-se em muitas outras regiões do mundo, e talvez mesmo aqui, bem perto de cada um de nós. Talvez baste abrir a janela" (SANTOS, 2020, p. 9). A literatura pode precisamente ser a janela que se abre ao Outro ao mesmo tempo que reflete a nossa própria imagem nos seus vidros e nos permite uma reflexão sobre nós próprios, como nos lembram Corapi & Short: é simultaneamente uma "window for readers to see and experience cultures outside their own personal contexts" e um espelho "reflecting back human experiences and helping us understand ourselves and our lives better" (2015, p. 5).

No conto, agora em análise, a janela surge como o espaço intermédio, entre um exterior perigoso, em Kano, Nigéria, e o interior de uma loja abandonada, que providencia segurança às protagonistas. Uma pobre mulher, muçulmana haúça, e Chika, uma jovem estudante de medicina, igbo e cristã, de classe social privilegiada, entram pela janela de uma casa para fugirem aos motins que tomaram a cidade na sequência de uma revolta causada pelo facto de um homem igbo e cristão ter inadvertidamente passado com o carro por cima de um exemplar do Corão, na berma de um parque de camionetas. Este incidente conduziu à decapitação do "infidel [who] had desecrated the Holy Book" (ADICHIE, 2009a, p. 46), num ato bárbaro, e a violência alastrou-se pelo mercado onde Chika comprava laranjas despreocupadamente, enquanto a outra mulher procurava a subsistência, vendendo cebolas.

Contudo, mais importante do que a diferença entre as duas mulheres é aquilo que as une ao ponto de a conversa parecer surreal: "... she feels as if she is watching herself" (*Ibidem*, p. 48). A janela, por onde ambas entraram e que Chika fecha, por recomendação da pobre vendedeira sem nome, reflete a sua imagem, o seu alter-ego, o que aproxima o título do conto daquilo que é postulado por Michel Foucault, quando se refere a "uma espécie de

experiência mista, mediana, que seria o espelho” (FOUCAULT, 2009, p. 415, negrito nosso). Vale a pena recuperar as suas palavras, a este propósito, para melhor percebermos a razão pela qual assistimos a uma experiência privada:

O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade (...): a utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou (...). A partir desse olhar (...), do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou: o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe. (*Ibidem*)

Chika chama a si a realidade de que precisa, falando da Universidade onde estuda Medicina e onde a sua irmã Nnedi estuda Ciência Política ou, melhor, estudava, em virtude do seu desaparecimento, após o motim que assolou o mercado. Só evocando o passado é que Chika se consegue situar no presente. A realidade que vivencia, junto da mulher sem nome, parece-lhe “absolutamente irreal” (retomando as palavras de Foucault) e, conseqüentemente, profundamente injusta, porque, no seu mundo, a existência de motins era algo distante, uma realidade que lia nos jornais e que apenas acontecia aos outros: “... she realizes that what she feels is this: she and her sister should not be affected by the riot. Riots like this were what she read about in newspapers. Riots like this were what happened to other people” (ADICHIE, 2009a, p. 47).

As notícias dos jornais refletiam-se, agora, numa experiência em primeira mão, mas Chika prefere negar a realidade, cercada por incertezas, tal como acontecia quando, no hospital universitário, sentia ataques de insegurança e se deixava ficar para trás para não ter de examinar pacientes perante o professor e um grupo de colegas. Porém, a protagonista é convocada para a ação, quando a mulher se queixa de dores nos mamilos secos por alimentar o seu benjamim, de um total de cinco filhos. Apesar das reticências de Chika, quando tem que fazer diagnósticos nas aulas práticas, o que indicia que não se sente confortável na missão

que escolheu, a personagem consegue, junto desta mulher, encontrar sentido para a sua vida, nem que para isso tenha que recorrer a um passado ficcional que a aproxima da mulher: "... as if this disclosure has created a bond" (*Ibidem*, p. 50). No entanto, a mulher chora e reza, numa experiência privada, algo que Chika lamenta não ter para si: "It is like the woman's tears, a private experience, and she wishes that she could leave the store. Or that she, too, could pray, could believe in a god, see an omniscient presence in the stale air of the store" (*Ibidem*, p. 52). Curiosamente, Chika ainda faz vontades à mãe e espera que a mulher, a outra face de si, a possa dissuadir de saltar pela janela para a rua, quando toma a decisão de se ir embora.

A mulher sem nome, cujo futuro não nos é revelado, contrariamente ao que acontece em relação à vida da protagonista, que nos é apresentada pelo narrador onisciente, em lances que quebram a narrativa linear, e nos dão a conhecer que "[s]he will not find Nnedi. She will never find Nnedi" (*Ibidem*, p. 47), revela a sua insignificância. Desconhecemos o seu nome e o seu futuro permanece incógnito até ao final da narrativa, o que nos permite inferir que o narrador privilegia os sentimentos de Chika e menospreza os da outra mulher, atestando as palavras de Boaventura de Sousa Santos, quando refere: "Todos os seres humanos são iguais (afirma o capitalismo); mas, como há diferenças naturais entre eles, a igualdade entre os inferiores não pode coincidir com a igualdade entre os superiores (afirmam o colonialismo e o patriarcado)" (SANTOS, 2020, p. 12). No fundo, é como se os pensamentos e os sentimentos de Chika, a jovem que perdeu a carteira Burberry, aquando do motim, fossem superiores e mais importantes do que os da jovem mulher haúça, que clama ter perdido o seu colar, possivelmente de contas de plástico enfiadas num pedaço de cordel (ADICHIE, 2009a, p. 43-44).

Spivak, no ensaio clássico intitulado "Can the subaltern speak?" (1988), explana as razões por detrás da falta de nome, voz e pensamentos de mulheres como esta, que ocupam um espaço periférico. Mas apesar das diferenças óbvias entre as duas personagens femininas do conto de Adichie e do tratamento que o narrador lhes parece dar, a verdade é que ambas se encontram unidas no confinamento da loja. Perante a ameaça, não estão sozinhas e comungam dos mesmos medos. A união perante as adversidades é uma temática abordada por Boaventura de Sousa Santos, quando assevera: "Sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão

planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo” (2020, p. 7).

Independentemente da consciência de que “... os corpos racializados e sexualizados são sempre os mais vulneráveis perante um surto pandêmico” (*Ibidem*, p. 26), numa espécie de darwinismo social que descarta as populações subalternas (*Ibidem*, p. 27), estas mulheres autoisolam-se, como que numa quarentena, mas Chika depressa ambiciona sair daquela prisão. Por sua vez, a vendedeira resigna-se; é, nas palavras de Foucault (2008), um “corpo dócil”, apto ao adestramento. Habituada a ser ostracizada, aprendeu a sobreviver no exílio e adverte: “Outside is danger” (ADICHIE, 2009a, p. 52). A sua disciplina mantém-na vigilante e reservada ao seu espaço.

Ao abandonar a segurança da loja, arriscando-se no desconhecido, Chika demonstra que quer, finalmente, tomar as rédeas do seu futuro, em vez de se esconder atrás dos outros; ou será pura ignorância e capricho, pensando que nada lhe acontece e que as suas vontades devem ser satisfeitas?

A jovem depressa se rende à visão tenebrosa de morte e dor e volta a confinar-se no interior da loja, entrando novamente pela janela. Afinal, a futura médica precisa dos cuidados da vendedeira, em virtude de um corte que fez na barriga da perna e a deixa ensanguentada. A atitude de delicadeza e de zelo da mulher muçulmana contrapõe-se às notícias do *The Guardian*, que Chika lerá mais tarde: “the reactionary Hausa-speaking Muslims in the North have a history of violence against non-Muslims” (*Ibidem*, p. 55). O preconceito racial é reproduzido e difundido pelos meios de comunicação social, como um vírus que se propaga.

O tratamento para o racismo, se tal for possível, requer um período de convalescença, no qual o indivíduo doente, aquele que discrimina o Outro, terá que rever todos os seus pensamentos, comportamentos, valores e ações enraizados, estado que não é fácil atingir, mesmo que alguém clame estar curado:

If racism were a disease, then it would be possible to be “cured” of it. Many Euro-Americans recognize that they or their ancestors have been carriers of this disease in the past, but they insist that they have been cured. They may be proud of having made the transition from an openly racist person to someone who now transcends race. The belief that one has negated racism simply by denying its ongoing relevance is a self-serving idea because it allows racism to persist in ways that do not trigger white awareness of it. It is the most important feature of contemporary racism.” (COBB, 2018, p.

584)

As mulheres partem, cada uma seguindo o seu rumo; saltam pela janela para o exterior, porque o perigo passou, e levam consigo uma experiência privada, que as mudou e lhes alterou a vida. Esta experiência deixa marcas indeléveis e implica capacidade de adaptação, como tão bem sintetiza Žižek, ao referir-se às repercussões da doença COVID-19 nas nossas vidas, o que se pode transpor para outras doenças e situações dramáticas que impliquem o confinamento e a luta pela sobrevivência:

The catch is that, even if life does eventually return to some semblance of normality, it will not be the same normal as the one we experienced before the outbreak. Things we were used to as part of our daily life will no longer be taken for granted, we will have to learn to live a much more fragile life with constant threats. We will have to change our entire stance to life, to our existence as living beings among other forms of life. In other words, if we understand "philosophy" as the name for our basic orientation in life, we will have to experience a true philosophical revolution. (ŽIŽEK, 2020b, p. 78)

CONCLUSÃO

61

Sob as vicissitudes da História atual, persiste uma cultura partilhada, coletiva, em que as diferentes identidades culturais refletem as experiências históricas comuns. Neste entendimento, a escrita de Adichie representa uma nova voz no mundo literário afro-anglo-saxónico, "expressão do glocal", através da força do realismo dos seus textos, bem exemplificado em *The Thing Around Your Neck*. Quer devido à necessidade de apresentar uma alternativa à narrativa única, quer com a missão de intelectual comprometida, sobretudo com o seu povo, Adichie imprime às suas narrativas um cunho étnico e feminista, bem como a afirmação do Africanismo, fazendo despertar consciências para o problema africano e suas idiossincrasias, procurando contrariar estereótipos que criam imagens parciais e negativas, impedindo o entendimento do mundo na sua totalidade.

Será certamente a Literatura, na sua intercessão com as outras Artes e com outras áreas de saber, com as quais se cruza, que poderá proporcionar uma visão realista das vicissitudes que hoje enfrentamos. Porém, um pouco menos hedionda.

Como proclama Adichie, as histórias contam:

Stories matter. Many stories matter. Stories have been used to dispossess

and to malign, but stories can also be used to empower and to humanize. Stories can break the dignity of a people, but stories can also repair that broken dignity (2009b).

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. (2009a). *The Thing Around Your Neck - Short Stories*. New York, Toronto.
- ADICHIE, C. N. (2009b). "The danger of a single story". TEDGlobal. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=en. [consultado em 23.09.2020]
- ADICHIE, C. N. (2012) "To Instruct and Delight: A Case For Realist Literature". *Commonwealth Lecture* 2012. Disponível em: https://commonwealthfoundation.com/wpcontent/uploads/2012/12/Commonwealth_Lecture_2012_Chimamanda_Ngozi_Adichie.pdf [consultado em 3.10.2020]
- BHABHA, H. (1994). *The Location of Culture*. London/New York: Routledge.
- BUESCU, H. (2017). "Literatura-Mundo Comparada e os Mundos em Português". In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, 19(32): 89-92.
- CARVALHO, Carolina F. (2018). "O realismo de Chimanga Ngozi Adichie e a literatura decolonial". *Circulação, traumas e sentidos na literatura*. Congresso Internacional (30/07 a 03/08). Associação Brasileira de Literatura Comparada: pp. 1445-1453. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547559490.pdf. [consultado em 2.10.2020]
- COBB, C. (2018). "Editor's Introduction: Responding to the Cumulative Damage of Racism". In: *The American Journal of Economics and Sociology*, 77(3-4), pp. 581-644.
- CORAPI, S. & SHORT, K. (2015). *Exploring international and Intercultural Understanding through Global Literature*. Longview Foundation: Worlds of Words.
- DAMROSCH, D. (2003). *What is World Literature?* New Jersey: Princeton University Press.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1992). *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34.
- DUSSEL, E. (2012). "Transmodernity and Interculturality: an Interpretation from the Perspective of Philosophy of Liberation". In: *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural production of the Luso-Hispanic World*, Vol. 1, no. 3, pp. 28-59.
- FOUCAULT, M. (2008). *Vigiar e Punir*. (35.ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- FOUCAULT, M. (2009). *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. (2.ª ed). M. Barros da Motta (Org.). Coleção Ditos & Escritos, vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

- HALL, S. (1990a) "Cultural identity and diaspora". In: J. Rutherford (Ed.) *Identity: community, culture, difference*. London: Lawrence and Wishart, pp. 222-237.
- HALL, S. (1990b) "The Emergence of Cultural Studies and the Crisis of the Humanities," In: *October* 53 (1990), pp.11-23.
- HALL, S. (2016). *Cultural Studies 1983: A Theoretical History*. Edited by Jennifer Daryl Slack and Lawrence Grossberg. Duke University Press.
- JUOMPOAN-YAKAM, C. (2020) "Nigeria's Chimamanda Ngozi Adichie talks colonialism, politics and pop culture". *The African Report*, Interview by Clarisse Juompan-Yakam, Lagos, Friday, 8 May. Disponível em: <https://www.theafricareport.com/27060/nigerias-chimamanda-ngozi-adichie-talks-colonialism-politics-and-pop-culture/>. [consultado em 29.09.2020]
- MIRZOEFF, N. (2016). "O direito a olhar". ETD – Educação Temática Digital. Campinas, SP, v. 18, n. 4, pp. 745-768.
- MIGNOLO, W. (2007). "Delinking: The rhetoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of de-coloniality". *Cultural Studies*. Vol. 21.2-3, pp. 449-514.
- QUIJANO, A. (2007). "Coloniality and modernity/ rationality". *Cultural Studies*, vol. 21.2, pp.168-178.
- QUINTERO, P., FIGUEIRA, P. & ELIZALDE, P.C. (2019). *Uma breve história dos estudos decoloniais*. Org. Armanda Carneiro. EDIÇÃO © Museu de Arte de São Paulo.
- SANDHU, G. (2018). *Chimamande Ngozi Adichie: A critical study of her fiction*. PhD Thesis. Jiwaji University, Gwalior (M.P.).
- SANTOS, B. S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Lisboa: Almedina.
- SPIVAK, G. C. (1988). "Can the subaltern speak? In: Cary Nelson & Lawrence Grossberg (eds). *Marxism and the Interpretation of Culture*. London: Macmillan.
- SYLVESTRE, F. (2018). "Narrativas de resistência: o não lugar, o enfrentamento das diferenças, a não visão única de mundo em contos de Chimamanda Adichie". *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP*, 21. pp. 80-91. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2018i21p80-91> [consultado em 11.09.2020]
- ŽIŽEK, S. (2017). "Our life story and our culture". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ivt5VdoERgQ>. [consultado em 6.10.2020].

ŽIŽEK, S. (2020a). "Is barbarism with a human face our fate?" *Critical Inquiry*, March,18.
Disponível em: <https://critinq.wordpress.com/2020/03/18/is-barbarism-with-a-human-face-our-fate/>. [consultado em 10.09.2020]

ŽIŽEK, S. (2020b). *Pandemic! COVID-19 shakes the world*. New York: Or Books LLC.

Recebido 11/04/2021

Aprovado 21/05/2021

